

Arquivo recebido em
17 de outubro de 2011
e aprovado em
23 de novembro de 2011

V. 1 - N. 2 -
2º Semestre de 2011

* O autor é aluno de graduação em Teologia da Escola Dominicana de Teologia. O presente trabalho constitui um resumo do Trabalho de Conclusão de Curso em filosofia no Centro Universitário Assunção, São Paulo, Brasil, em junho de 2009, sob orientação do Prof. Domingos Zamagna.

O Riso como Princípio Esperança

The Laughter as Hope Principle

Mateus Domingues da Silva

Resumo

O trabalho pretende estabelecer um paralelo entre o conceito de riso e o princípio esperança de Ernest Bloch, diferenciando sua relação entre a busca da felicidade individual, tida como ideológica, enganosa e precária, e a busca da felicidade coletiva, de caráter altruísta, que apesar de utópica, é também verdadeira e real, exatamente por ser altruísta e real porque, sendo expressão coletiva, indica de modo concreto e politicamente, a possibilidade real.

Palavras-chaves: Riso, Princípio Esperança, Ernest Bloch, altruísmo

Abstract

The work aims to establish a parallel between the concept of laughter and the Hope Principle of Ernst Bloch, differentiating their relationship between the pursuit of individual happiness, said to be ideological, deceptive and precarious, and the pursuit of collective happiness, altruistic, that despite utopian it is also true and real, just for being selfless and real because, as a collective expression, indicating concretely and politically, is a real possibility.

Keywords: Laughter, Hope Principle, Ernest Bloch, altruism.

N

ão é de hoje que se vem por estudar o fenômeno relativo ao riso; este é objeto de estudo em toda a história do pensamento, desde Platão e Aristóteles, passando por Cícero, Escoto Eriúgena, Rabelais, Pascal, Hobbes, Leibniz, Kant, Hegel, Schopenhauer, Darwin, Spencer, Croce, Pirandello, Bergson, Freud, além das investigações contemporâneas. Problema importante no campo da estética, o cômico e o humorístico, além de ser um tema fundamentalmente filosófico, é também objeto de estudo de diferentes campos do conhecimento, a saber: da teoria literária, da psicanálise, da retórica, da história, da sociologia, da antropologia social, da etnologia, da filologia, das teorias do teatro, entre outros.

Há uma relação intrínseca entre humor e felicidade. Para Ernst Bloch, a felicidade de caráter individualista é considerada ideológica, enganosa e precária. A busca da felicidade coletiva, de caráter altruísta, é também utópica, mas, em outro sentido, é também verdadeira e real: verdadeira e digna, moralmente, porque altruísta, e também real porque, sendo expressão coletiva, indica de modo concreto, politicamente, a possibilidade real. Por ser possibilidade real a esperança é concreta.

Evidentemente que a felicidade não se encontra por todo lado. Durante a segunda guerra mundial, enquanto escrevia sua grande obra, *O Princípio Esperança*, Ernst Bloch tinha muitas razões para reconhecer a insuficiência e a infelicidade do presente, ao qual se referia, com forte tom de indignação à sociedade dirigida em função do capital, como ao *momento obscuro do presente* (o que se é ainda hoje bem compreensível, visto serem as tragédias daquele tempo fantasmas vivos nas obras culturais da atualidade). Por um lado, a felicidade anima a esperança; por outro, a esperança é a felicidade presente possível e, atrás dela, há a promessa de cunho religioso, a felicidade é uma promessa. Sobre a visão de Ernst Bloch sobre a felicidade são muito expressivos os fragmentos do *Princípio Esperança* sobre o humor e sobre o lazer. No estilo barroco e

expressionista próprio do autor, o texto sobre o humor medita sobre o que é *vasado* pelo mesmo, pelo qual o homem supera, aqui e agora, a infelicidade. O humor é descrito como “a mais discreta de todas as utopias”. É a infiltração da felicidade no “momento obscuro do presente”.

Se o pensamento é estimulado pela necessidade – afirma Bloch em concordância com Freud (*O Humor*) – em alguns casos pode de repente dela separar-se, tornando-se prazeroso. É a vitória do prazer e da alegria sobre a realidade. Isto se dá quando os homens são capazes de ver um acontecimento pesado e constrangedor de modo leve. Esta leveza não reside exatamente no gracejo, na brincadeira subjetiva. A leveza que se imiscui no sério e deixa acontecer a alegria, abrindo a brecha na seriedade da necessidade, é o humor, predisposição já dada nas circunstâncias ou nos objetos mesmos, que possuem tendência para perder seu caráter grave. O humor se apresenta, pois, em diversos níveis, em formas mais ou menos nobres. Tanto o gracejo quanto o humor prosperam em circunstâncias medíocres, mesmo lamentáveis; é abundante entre os alienados de um hospício mais que em qualquer outro lugar. Bloch relembra que não foi fortuitamente que Walter Benjamin chamou atenção com pertinência para o fato de o humor ser uma planta que cresce em abundância nos bas-fonds, mesmo se ali não tem valor, mas sua raridade e seu preço aumentam à medida da elevação do nível onde aparece.

O humor penetrante se comporta como se os conteúdos de sua alegria estranha e significativa fossem secretos, ainda não estivessem aí, como se eles não fossem ainda mais que o eco longínquo de um estado final. É como se o humor fosse da mesma essência das utopias, discreta emanção da esperança utópica. Embora sua esperança não seja nem clara nem distinta. Por essa brecha frágil aberta na camada dura da seriedade do real e do necessário, encaminha-se a felicidade possível e prometida, ainda não realizada.

Além de se diferenciar por sua qualidade e grau, o humor também se manifesta em domínios diversos; ao lado daquela manifestação própria da simples atitude, surge no domínio das obras de arte, não-filosóficas, o que o filósofo julga surpreendente, que o humor se mantenha distante da filosofia. Entretanto, o pensamento blochiano sobre o tema, ancora-se nos mais diversos trabalhos feitos nos séculos XIX e XX. Não é possível entendê-lo se não se reportar à psicanálise e ao romantismo alemão. Este, por sua vez, influenciou profundamente o filósofo francês Henri Bergson, que foi de importância vital para todo o debate sobre o tema do risível e do cômico durante toda a primeira metade do século XX. A psicanálise e o próprio Bloch, acham-se dentro do debate bergsoniano.

Bergson foi um filósofo que gozou de raro prestígio em seu tempo. Em nenhuma área, porém, exerceu maior influência durante tanto tempo (mais de 100 anos) do que no pequeno ensaio *O Riso*. Apesar do centenário da mesma, ainda hoje permanece amplamente estudada e/ou comentada. O primeiro capítulo deste trabalho de minha monografia tratou sobre os problemas propostos pela filosofia de Bergson, e o quanto sua concepção de risível é uma resposta a tais questões por ele levantadas. Não se limitou a abordagem bergsoniana; a partir de Bergson, é colocada a relação intrínseca entre cômico e trágico. O segundo capítulo trata sobre a maneira como essa discussão chegou até Ernst Bloch, e da forma como este a entendeu. Desenvolve-se o conceito de utopia e de ainda-não-consciente, com o intuito de se entender o riso, o cômico e o humor como veículos de esperança. Ao se fazer isso, nos dois primeiros capítulos, estabelece-se a distinção entre risível e cômico, e entre este e o humor. Ernst Bloch faz valer sua reflexão do impacto da teoria psicanalítica no pensamento intelectual judeu-alemão da primeira metade do século XX. Assim sendo, o terceiro capítulo estabelece como a psicanálise, no seu criador (Sigmund Freud) e no principal psicanalista pós-freudiano (Jacques Lacan), enten-

deu o risível, o cômico e o humorístico. O quarto capítulo é o coração da presente pesquisa, onde está a verticalidade do trabalho; nele se estabelece o humor como utopia concreta. Para tanto, se reportará rapidamente à história de uma grande comédia e sátira (*Vera historia*, de Luciano, que tanto influenciará a literatura do gênero), vendo nela *principio esperança*. Ao longo de todo o texto, em particular no quarto capítulo, se fará uso do estilo expressionista, estilo do próprio Bloch, de modo que o texto poderá parecer prolixo. Acreditamos que ao se reportar a Bloch não poderia ser diferente. Da mesma forma, no quarto capítulo, nosso referencial teórico é Hegel e Marx. Do ponto de vista otimista do humor, segundo Bloch, só a partir de Karl Marx que o passado não apenas é trazido ao presente, e esse novamente ao passado contemplado, mas que ambos, passado e presente, foram trazidos ao horizonte do futuro. No risível está o que há de vir.

*
* *
*

O humor é filho da surpresa, do inesperado, do que quebra a linearidade e previsibilidade do mundo; uma forma de se ver o mundo como ele não é. É parceiro da ética e da utopia quando mostra o mundo como deveria ser. É parceiro do esclarecimento quando leva a questionar o porquê de as coisas, estranhamente, serem como são e não de qualquer outra forma. É estratégia de comunicação porque coloca todos na mesma situação, seres comuns em busca do outro, tentando chegar até o outro para com ele compartilhar alguns instantes e dar boas gargalhadas. O riso é coletivo, unificador, contagiante. Nunca se ri só, mesmo quando se está só, pois há sempre um diálogo, uma troca, outro que provoca. Se Robinson Crusoe pode rir, é porque ainda tinha a memória de uma vida coletiva. Esquecendo-se desta vida fora da ilha, esqueceria também de como e porque se ri.

O tema do humor é o mesmo das religiões, da filosofia, da ciência e da arte. Todos fazem uma única e mesma pergunta: afinal de contas, que a

humanidade faz aqui? Sua resposta não é a melhor de todas, nem mesmo a mais eleita, mas com certeza é a mais divertida, a melhor maneira de se passar o tempo até a risada final. Tem semelhanças com cada um destes investimentos. Parece-se bastante com a filosofia, sendo inclusive eleita por vários filósofos como a principal característica do *metier*. Da ciência toma emprestada a tendência de melhorar e evoluir, criticando o presente em nome do futuro, de forma utópica. Foi sua parceira no episódio iluminista, quando Voltaire fez uso do humor para zombar da ignorância e da superstição. Certamente assemelha-se bastante à arte, podendo mesmo ser considerado uma experiência estética: tem muito do gosto, sempre pessoal, do descompromisso com verdades postas ou impostas, da beleza que faz sorrir embevecido. Até mesmo a religião, por vezes, encontra-se com o humor ou utiliza-se dele. Mas com certeza o que tem de melhor o mostra quando ironiza todas essas e muitas outras formas de ser do homem. Pode, portanto, ser considerado ferramenta cultural e comunicativa da maior importância. Desenvolve-se em numerosas modalidades. Há o humor agressivo, o sarcástico, o escarnecedor, o amigável, o sardônico, o angélico. Apresenta-se sob a forma da ironia, do burlesco, do grotesco. É multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar alegria, júbilo, nervosismo bem como o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. Seu estudo, de seus efeitos e de suas funções não vem de hoje. Muitos foram os pensadores que, ao longo da história, dedicaram-se a explicar este fenômeno um tanto inexplicável. Curiosamente os que o tentaram não foram humoristas mas antes pensadores bastante sérios. Não escreveram sobre o cômico Aristófanes, Molière, Luciano, Groucho Marx e Rabelais, mas sim um pensador sério como Aristóteles, um austero pietista como Kant e outro filósofo tão austero quanto ele – mas inclinado ao sarcasmo – como Hegel, um poeta romântico tardio e melancólico como Baudelaire ou Byron, um pensador com pouca alegria e existencialmente preocupado como Kierkegaard, um Bergson metafísico e, por fim, Freud, o que reve-

lou os impulsos de morte. Isto remete à afirmação de Friedrich Hebbel, segundo quem “não há nada mais humorístico do que o próprio humor, quando pretende definir-se”.

Os escritores e humoristas não se dedicaram ao estudo do cômico, pois estavam muito ocupados sendo engraçados, fazendo pouco de tudo (inclusive do conhecimento), dando motivos para que se risse e se pensasse para se dedicarem a tal empreitada. Isto não quer dizer, em absoluto, que apenas gente tacanha, melancólica e sem graça possa se interessar pelo assunto. Ao contrário, as melhores contribuições para o estudo do humor são bem humoradas, irônicas, cientes da impossibilidade de se chegar a conclusões definitivas sobre o fenômeno a tal ponto incapturável. Com isto em mente, pode-se, paradoxalmente, aventurar-se, com ciência de que não é com conceitos, teorias ou ciência que se irá melhor compreender o fenômeno em questão, mas antes com a abertura e a consciência dos ignorantes.

Se por um lado o humor é um fenômeno universal, posto que presente em todas as sociedades, por outro é algo altamente particular, pois não há nada que seja universalmente engraçado (o que o aproxima ainda mais da experiência estética, igualmente universal, igualmente singular). Em princípio, sua razão de ser é divertir, ou seja, tem o sentido de “recrear, distrair, entreter” e também “fazer esquecer, desviar-se, afastar-se”. Rindo o homem se esquece de si, das agruras de um mundo de sofrimento e morte. Curiosamente, é também o riso que o alerta para esses mesmos problemas. Trata-se de um esquecimento provisório, de um desvio passageiro, que logo o leva de volta para onde estava, para aquilo de que buscava fugir. Trata-se de um fenômeno paradoxal, portanto, que ao afastar, aproxima e ao tentar produzir esquecimento reforça a memória e a lembrança. Afasta provisoriamente a morte para em seguida fazer lembrar de sua presença sempre constante.

Não é a toa que por muito tempo o humor e o riso foram considerados mais que desrespeitosos, demoníacos. Porque o que fazem senão mostrar o quanto se está errado, o quanto o mundo pode surpreender, explorando as fissuras do real, as brechas de imperfeição por onde vaza. E afinal o que é mais imperfeito do que a morte, o fato de que o homem é, em suma, perecível? Por essas aberturas, percebe-se o outro lado, e o choque sacode nervosamente: esse riso é o grito de surpresa de um homem a quem o caos e o nada acabam de assaltar. Definitivamente o riso não é de brincadeira.

O humor é uma forma de libertação, ainda que temporária, das tensões impostas pela moral coletiva. A origem do riso está na remoção de barreiras, na sensação de liberdade perante as amarras sociais e culturais. A partir da teoria da relação entre o princípio do prazer e princípio de realidade tal como descritos por Freud, pode-se afirmar que o humor tem por função driblar a censura repressora, fazer pouco do que cerceia a liberdade, seja sexual, seja de que ordem for. Isto talvez explique a intrínseca relação existente entre humor e sexualidade, presente desde a antiguidade e muito forte, por exemplo, nos escritos de Luciano (*Pantagruel* é uma retomada, na Renascença por Rabelais, em alto estilo dos temas de Luciano).

O intelecto somente trabalha nos objetos enquanto há nele algo misterioso, não-revelado (...). Mas uma vez que a arte revelou para todos os lados as visões essenciais do mundo que residem em seus conceitos, bem como a esfera do conteúdo pertinente a essas visões de mundo, ela se livrou desse teor acorda apenas com a necessidade de se voltar contra o teor que até então vigorava sozinho. Aristófanos se levantou contra o presente e Luciano se rebelou contra a totalidade do passado grego; na Itália e na Espanha, Ariosto e Cervantes começaram a se voltar contra a ordem dos cavaleiros¹.

Os personagens do romance de Rabelais, tanto Pantagruel quanto seu pai Gargântua, não têm qualquer vergonha em relação ao que as normas vigentes na época tentam coibir ou civilizar, principalmente em relação

1. Hegel. *Werke*, X², pp.231 e ss.

às funções corporais tais como comer e defecar. Nem sempre a sociedade está preparada para aceitar que suas regras sejam expostas ao ridículo. É preciso muita força para suportar o riso e a humilhação. Aconteceu na própria Grécia, berço da democracia, em que em determinado período foram proibidas encenações de comédias que ridicularizassem os políticos, e repetiu-se o fenômeno ao longo da história. Na Grécia verificou-se, também, o início da utilização do humor com fins reacionários. O riso torna-se arma anti-revolucionária (Aristófanes). Esta tendência está presente, hoje, por exemplo, em programas humorísticos ou mesmo em piadas que tem por objetivo desqualificar políticas de *esquerda*. O papel do humorista, portanto, muito mais do que divertir (fazer esquecer, desviar) é antes decompor, desmontar, perturbar, desconcertar. Ele é alguém que vai mais fundo, além da superfície das coisas (donde sua semelhança com o filósofo, e de onde advém etimologicamente a palavra *grotesco* [dos grotos, profundezas]), percebendo e dando a perceber sempre mais do que o meramente visível. Para Pirandello, o humorista é um modelo de representação do mundo, alguém que permite que, através do riso, se possa talvez compadecer (teoria oposta à célebre definição de Bergson, para quem rir é exatamente não se compadecer, mas ser indiferente). Não obstante, Bergson reforça, como se estabeleceu no início do trabalho, em demonstrar o papel crítico e social do humorista.

A partir de Lukács, Ernst Bloch estabelece a crítica a Bergson, Freud e Hegel. Tudo o que estes puderam contribuir para o humorismo deve-se a se aproveitar. O mais digno de louvor é Freud, por haver começado a desvendar os mistérios do inconsciente. O humor, a partir de Hegel, ganha, dentro do próprio hegelianismo, uma forma de ir além do sistema absoluto criado pelo filósofo alemão. Isto ocorre em Marx. Nele o humor ganha seu verdadeiro significado; Bloch entende o humor, em última análise, como a mais leve das utopias. Na leveza do riso está anunciado

o futuro. Só a quem o capitalismo cerrou por completo os olhos, pode acreditar que o amanhã não será diferente do hoje. Só o passado pode ser definido. Em Hegel, o passado ganha um novo sentido, sendo redefinido, a partir do presente – o passado está presente no agora. Mas em Marx, não só o passado, mas o futuro ganha um novo sentido, em vista do hoje. Este hoje que ressignifica passado e futuro é a utopia. Na leveza do rir um novo mundo se constrói. Um mundo, no todo ainda-não-consciente, mas em suma, um mundo humano, presente em cada imagem cômica. No sorrir está um novo porvir!

Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. A. Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

BERGSON, H. Ensaio sobre os dados imediatos da Consciência. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. O riso: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Publicado originalmente na *Révue de Paris*, 1989).

BLOCH, E. Ateísmo nel cristianesimo. Milano : Feltrinelli, 2005.

_____. Avicenne et la gauche aristotélicienne. Saint-Maurice : Premières Pierres, 2008.

_____. L'arc utopia-matèria i altres escrits. Barcelona : Editorial Laia, 1985.

_____. La filosofia del Renaixement. Barcelona : Edicions 62, 1982.

_____. L' Esprit de l' Utopie. Paris : Gallimard, 1977.

_____. Princípio Esperança. Vol. I. Rio de Janeiro: EdUERJ - Contraponto Editora, 2005-2006, 3 volumes.

_____. Thomas Munzer: théologien de la révolution, Paris : UGE, 10/18, 1975.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos [1900]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. IV..

_____. O humor [1927]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. In: ____.

- Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VIII.
- LUKÁCS, G. El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista. México : Sacristan Ediciones Grijalbo, S. A., 1963.
- _____. Philosophie de l'art (1912-1914) : premiers écrits sur l'esthétique. Paris : Éditions Klincksieck, 1981.
- _____. Goethe y su época. México : Sacristan Ediciones Grijalbo, S. A., 1968
- _____. Il marxismo e la critica letteraria. Torino : Einaudi, 1953.
- _____. La Destruction de la raison : Nietzsche. Paris : Delga, 2006.
- _____. La signification présente du réalisme critique. Paris : Gallimard, 1960.
- _____. Marx et Engels historiens de la littérature. Paris : L'Arche, 1975.
- LACAN, J. Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Escritos. México: Siglo XXI, 1989.
- NIETZSCHE, F. W. O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RABELAIS, F. Pantagruel Rei dos Dípsodos. Porto Alegre: Frenesi, 2006.
- PIRANDELLO, L. O Humorismo. São Paulo: Editora Experimento, 1996.
- STAIGER, E. Conceitos fundamentais da poética. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.